



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE FILOSOFIA**

DANIELA DA SILVA MORAES

**UMA REFLEXÃO SOBRE O CONHECIMENTO FILOSÓFICO:
BASEADA EM ARTHUR SCHOPENHAUER**

ERECHIM

2022

DANIELA DA SILVA MORAES

**UMA REFLEXÃO SOBRE O CONHECIMENTO FILOSÓFICO:
BASEADA EM ARTHUR SCHOPENHAUER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Doutor Ilton Benoni da Silva.

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Moraes, Daniela da Silva
UMA REFLEXÃO SOBRE O CONHECIMENTO FILOSÓFICO::
BASEADA EM ARTHUR SCHOPENHAUER / Daniela da Silva
Moraes. -- 2022.
49 f.

Orientador: Doutor Ilton Benoni da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Erechim,RS, 2022.

1. Conhecimento filosófico. I. Silva, Ilton Benoni
da, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul.
III. Título.

DANIELA DA SILVA MORAES

**UMA REFLEXÃO SOBRE O CONHECIMENTO FILOSÓFICO:
BASEADA EM ARTHUR SCHOPENHAUER**

Trabalho de Conclusão de apresentado ao curso de Filosofia da Universidade da Fronteira Sul como requisito para obtenção de título de Licenciada em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 29/09/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva - UFFS
Orientador

Prof. Dr. Alcione Roberto Roani - UFFS
Avaliador

Prof. Dr. Celso Eidt - UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Sadi Anibal Moraes e Maria Luci da Silva Moraes, às minhas irmãs Ângela Denise da Silva Moraes e Deovania da Silva Moraes (*in memoriam*), ao tio João Carlos da Silva, à minha tia Vera Lúcia da Silva, ao meu tio Adão da Rosa, ao meu namorado Tiago Fetalian, à meu sobrinho Gustavo Maike da Silva Moraes, à minha prima Elisângela Moraes da Rosa, e demais familiares que estão todos em meu coração.

Aos meus amigos Shackner Perícolo Souza, Camila Gauer, Natália Cristina Ribeiro Leite, Marcia Eduarda De Bastiani Ferreira, Cleusa Caetano da Silva, Renato Escobar de Escobar, Fabrício Santos Bittencourt, Shayane da Silva Melo, Esthela Jaqueline Pontes de Medina, Bruna Prates, Eliseu da Rosa Alves, Paulo Tarso Alves Fetalian, Zélia Lupatini Fetalian, Zélia Nicolini, Paula Fernanda Vargas Moreira, Ana Luisa das Almas Pinto, Rosângela Pedroso de Souza, Cléber dos Santos, Sonimar Oliveira da Silva, Susana Itamara da Silva.

Agradeço aos meus professores que estiveram comigo no início do caminho acadêmico no curso de Filosofia, Marcio Soares, Alcione Roberto Roani, Odair Camati, Thiago Soares Leite, Joice Beatriz da Costa, Eloi Pedro Fabian, Félix Flores Pinheiro, Celso Eidt, Ilton Benoni da Silva. (Agradeço também aos meus professores da cidade de Espumoso).

Por último, agradeço a todos os filósofos e filósofas de todos os tempos, em especial, a Arthur Schopenhauer. Peço desculpas se tenha esquecido de citar alguma amiga, amigo, pois sabemos que nem sempre temos todo o tempo para buscarmos a todos que são importantes na nossa vida e que contribuíram de alguma maneira com nossas mais honrosas tarefas.

Não é direito apertar-se em torno de uma luz noturna lastimável enquanto há tochas radiantes disponíveis; [...] é necessário, por meio de alguma filosofia, trazer ordem à cabeça e aprender, com ela, a ver o mundo de modo verdadeiramente independente. (SCHOPENHAUER, 2013, p.41).

RESUMO

O presente trabalho traz uma reflexão sobre o conhecimento filosófico. Que por sua vez, pode estar obscurecido, em meio à sua veleidade. Assim, perguntamos onde paira o conhecimento filosófico? Qual seria o caminho para encontrar sua possível verdade? Nesse sentido, esse texto faz uma crítica a abordagens filosóficas que podem nos deixar à mercê de dúvidas infindáveis e erros gravíssimos, principalmente no que se refere ao conhecimento abstrato representado pelos conceitos. Então, a partir disso, encontrou-se indícios principalmente nas obras de Arthur Schopenhauer para trazer à lume estas questões fundamentais da filosofia.

Palavras-chave: Conhecimento filosófico. Razão. Verdade. Metafísica. Moral.

ABSTRACT

The present work brings a reflection on the philosophical knowledge. Which, in turn, can be obscured, in the midst of its whim. So, we ask where does philosophical knowledge hang? What would be the way to find its possible truth? In this sense, this text criticizes philosophical approaches that can leave us at the mercy of endless doubts and serious errors, especially with regard to abstract knowledge represented by concepts. So, from that, evidence was found mainly in the works of Arthur Schopenhauer to bring to light these fundamental questions of philosophy.

Keywords: Philosophical knowledge. Reason. Truth. Metaphysics. Moral.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	EM BUSCA DO CONHECIMENTO.....	11
2.1	A SABEDORIA HUMANA SE FEZ FILOSOFIA.....	12
3	ONDE PAIRA A LEGITIMIDADE FILOSÓFICA?.....	15
3.1	MAS, PARA QUÊ FILOSOFIA?.....	17
4	O CONHECIMENTO A PARTIR DE SCHOPENHAUER.....	23
4.1	SCHOPENHAUER EDUCADOR.....	26
5	A FERRAMENTA DA RAZÃO.....	30
6	ENTRE <i>SAPIENCIA</i> E <i>SCIENTIA</i>.....	34
7	ENTRE RELIGIÃO E FILOSOFIA.....	39
8	A MORAL E O SEU NEXO METAFÍSICO.....	43
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Os filósofos se propuseram a investigar e tentar responder muitas questões. Mas afinal, como se legitima o conhecimento filosófico? Levando em consideração uma tradição, poderemos encontrar diferentes teorias discutindo acerca de problemas reconhecidos como parte daquilo que chamamos de filosofia.

Nessa perspectiva, pegando os fios que tecem a teia do passado, podemos entrelaçá-los junto às nossas ponderações com o objetivo de tecer com mais rigor o que vem a ser o *conhecimento filosófico* propriamente dito. Assim, é possível ter mais clareza para conceber em que sentido a filosofia se tornara legitimada teoricamente como parte fundamental do conhecimento humano.

Em contrapartida, alguns problemas surgiram ao longo do caminho colocando em dúvida aquela legitimidade outrora conquistada. Abrindo espaço, então, para receios e depreciações para trabalhos filosóficos. Por isso, é muito pertinente localizar os motivos que podem colaborar para isso ocorrer, identificando os pressupostos que não o correspondam à filosofia, ao passo que apresenta-se o método do exercício filosófico.

No entanto, por nos encontrar no preambular desse caminho, nos é imprescindível a cautela, e antes de nos arriscar em demasia, que nos seja concedido o direito de nos abrigar nas corroborantes considerações daqueles que há mais tempo se dedicaram às tarefas filosóficas. Nesse sentido, nos valeremos dos primeiros passos da filosofia ocidental assim como procuraremos demarcar os principais problemas que envolveram-na e que, continuam a procurar suas respostas.

Sobre a estrutura textual, cabe pontuar que, o primeiro assunto a ser tratado é sobre o conhecimento em geral. Seguidamente, buscaremos abordar sobre algumas das perspectivas que explicam a nossa existência, de modo que por esse caminho chegaremos até a filosofia propriamente dita.

Em vista disso, a pesquisa organiza-se em cinco principais capítulos que levantam hipótese para a busca do conhecimento filosófico ao passo que se baseia, sobretudo, nas teorias do filósofo Arthur Schopenhauer¹.

¹Nasceu na cidade báltica de Danzig (hoje a cidade polonesa de Gdansk) em 22 de fevereiro de 1788. Sua obra principal *O mundo como Vontade e Representação* foi publicada em 1818; e sua última,

Em consideração aos temas tratados relacionados ao conhecimento filosófico, estão os conceitos de razão, verdade, ciência, religião, metafísica e moral. Ainda é importante mencionar o fato do texto apresentar outros pensadores que colaboraram para o conteúdo do trabalho, são eles: Demócrito, Epicuro, Platão, Aristóteles, David Hume, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Johann Christoph Friedrich Von Schiller, Georg Philipp Friedrich Von Hardenberg (conhecido como Novalis), Percy Bysshe Shelley, Thomas De Quincey, Friedrich Maximilian Klinger e Johann Wolfgang Von Goethe.

Parerga e Paralipomena, foi editada em dois volumes, em 1851. Os estudos da filosofia de Arthur Schopenhauer no Brasil ainda são muito recentes, isso pode ser notado no fato de apenas algumas universidades vanguardistas incluírem o filósofo em seu currículo acadêmico. Neste caso, o presente trabalho pode ser construído através de pesquisas extracurriculares. A obra principal de Schopenhauer *O mundo como Vontade e Representação* encontrou-se acessível na Universidade Federal da Fronteira Sul. Os ensaios de Schopenhauer que compõem os *Parerga e Paralipomena* que foram utilizados nesta dissertação ainda não estão disponibilizadas em um único volume, como já é o caso em outros idiomas, como por exemplo em inglês, italiano, e espanhol. Desse modo, foi possível encontrar algumas partes dos ensaios em língua portuguesa em edições esparsas. O ponto negativo, talvez, é a possibilidade de as traduções não possuírem a verve da linguagem schopenhauereana, deixando assim, o leitor sujeito a interpretações que não abrangem a profundidade da obra. É interessante levar em consideração o fato de Schopenhauer dizer que sua filosofia pode ser apreciada também como arte. Os escritos de Schopenhauer vêm tendo uma crescente tradução para o público brasileiro desde o ano de 2010, e por consequência um maior número de dissertações, teses e defesas tem acontecido nos últimos 5 anos, de forma exponencial. A fundamentação teórica de seus escritos se mostra como algo extremamente valioso diante de todas as investigações de cunho filosófico, sobretudo no que diz respeito ao registro permanente no idioma português. As obras empregadas na pesquisa contarão com seus suplementos à obra principal *O mundo como Vontade e Representação*, nomeados por Schopenhauer como Tomo II, ou seja, Complementos. Aos livros I, II, III e IV da obra principal, e também os escritos póstumos chamados *Parerga e Paralipomena*. Entre as obras citadas anteriormente estão os ensaios: *A necessidade Metafísica*, *Fragmentos para a História da Filosofia*, *Da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser em si*, e alguns excertos de seus escritos acadêmicos *Sobre o fundamento da moral* e *A questão do livre arbítrio*.

2 Em busca do conhecimento

O conhecimento, desde os primórdios da humanidade foi sinônimo de buscar explicações às coisas da existência formando uma totalidade de conhecimentos. Assim, as antigas civilizações desenvolveram as mais variadas práticas e teorias para compor seus modos de vida e maneiras de entender a existência. Que naturalmente, eram repassadas à próxima geração.

Por esta perspectiva, podemos imaginar que antes mesmo da escrita ser inventada, a humanidade criou e desenvolveu seus conhecimentos, exatamente como fazemos hoje. Pois, de fato, como poderíamos mudar nossas mais importantes questões? De fato, é estranho imaginar um ser humano, em qualquer tempo e lugar, apresentar um conjunto de características que seja muito diferente do que possuímos agora.

Estamos sentados juntos, conversando e avivando uns aos outros; os olhos brilham e as vozes tornam-se mais sonoras: milhares de anos atrás, *outros* se sentaram exatamente do mesmo modo; era a mesma situação e eram os *mesmos homens*. E exatamente assim será daqui a milhares de anos. (SCHOPENHAUER, 2012, p.82-83).

Assim, ressaltamos a importância de levar em consideração que, embora as nossas questões mais elementares possam nos parecer inéditas, tudo já fora em outro momento tratado e desenvolvido por outros. Por isso, há chances de além de pensarmos por si só, apreciarmos também aquilo que nos chega para lançar alguma luz ao que queremos melhor compreender.

Em outro aspecto, salientamos que não é para negligenciar nenhuma particularidade, época e suas peculiaridades que afirmamos nossos atributos mais gerais de humanidade. Pelo contrário, é para compreendermos melhores a cada um que, em hipótese, buscamos as nossas características mais universais, e sob as quais nos é permitido desenvolvermos algumas conjecturas, e quiçá, darmos um passo mais firme em direção a nós mesmos.

De acordo com isso, Arthur Schopenhauer escreveu: “Pois se alguma coisa houvesse de realmente desejável neste mundo, algo de mais estimável que ouro e prata, seria um raio de luz caindo sobre a obscuridade de nossa existência.” (SCHOPENHAUER, 1960, p.93).

Assim, os feitos humanos mais originais e importantes são como lanternas em meio à escuridão sinalizando com luz. Que, por vezes, não são vistas, seja por algum empecilho que esteja obstruindo sua passagem, seja por uma dificuldade nossa de não conseguir ver a luz. Mas que no entanto, nos dão a possibilidade de ser encontrada em algum lugar, esperando para nos dar algum sinal, nos indicando um novo caminho, abrindo portas para chegarmos mais próximos da verdade e correr longe das possíveis armadilhas que possam nos prender.

Desse modo, essas lanternas são as luzes do passado que refletem no hoje e no sempre, evidenciando as tentativas da humanidade de caminhar mais firmemente pela estrada da vida, seja quando estamos a ir em bando, ou quando estamos só como um andarilho, uma andarilha tentando buscar uma melhor direção.

2.1 A SABEDORIA HUMANA SE FEZ FILOSOFIA

Lançando-nos ao passado, chegamos a construir uma história da sabedoria². Registros que nos contam como viveram algumas das inestimáveis almas humanas. Assim, imagens, palavras, conceitos viajam no tempo ecoando àqueles que têm disposição para acolher com acuidade. Tal são aqueles que reconhecem a força dos grandes mestres da humanidade, estes que não somente se valem do conteúdo e da forma em suas obras, mas precipuamente que desvendam a fonte de suas verdades.

A *sabedoria* da humanidade se fez e se faz em toda parte, e sob as mais diferentes situações. Nesse sentido, imaginamos como as primeiras civilizações desenvolveram os seus modos de viver, e como foram encontrando dentre eles os que viviam com *sabedoria*. Em um sentido bem geral, *sábios* são ditos daqueles que mostraram, de um modo ou outro, a sua grandeza, mesmo estando diante das mais intrincadas dificuldades impostas pela vida³.

Com efeito, podemos conceber *sabedoria* como sinônimo de *filosofia*, tendo em vista a cultura grega, mais precisamente, a partir do século VII a.c⁴. Assim, considerando o termo *φιλοσοφία*, traduzimos do grego para o português como *amor*

² Em contrapartida a história contada nunca lembra de todos, assim como também não revela por inteiro as verdades. No entanto, pode contribuir significativamente para mostrar alguns aspectos para nosso conhecimento e imaginação.

³ Aqui me refiro à sapiência de todos os povos, os orientais; os povos que não conhecemos suas histórias.

⁴ Considerando o primeiro filósofo grego reconhecido pela tradição ocidental é Tales de Mileto, que nasceu no século VII a.c. “[...] Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo.” (LAERTIUS, 2008, p.15).

ao *saber*⁵. Sob esta perspectiva, lancemo-nos à cultura grega a fim de conceber como se iniciou esse novo modo de conhecer o *mundo* e os *homens*. Marcado, então, por uma transformação. Transformação esta que é a do pensamento mitológico⁶ (μῦθος) para o da *razão* (λόγος).

A partir disso, podemos buscar vestígios de como os primeiros *filósofos*, os *pré-socráticos*⁷ procuravam um ponto de partida para explicar o universo. O que podemos notar através daquilo que nos chega hoje, ou seja, em material “doxográfico, biográfico, cronológico” (LAERTIUS, 2008, p.9), fragmentos que são fonte de muitos estudos, tanto para a filosofia como para a história e as ciências em geral.

Em síntese, dizemos que em conformidade com os primeiros passos dos pré-socráticos, as *escolas filosóficas*⁸ foram desenvolvendo-se ao longo de toda a história compondo suas explicações e iniciando uma longa tradição do pensamento filosófico ocidental.

Destarte, é importante fazermos uma pequena digressão sobre um assunto relevante em termos teóricos. É sobre o caso de adotarmos um cuidado especial ao “voltarmos ao passado” e não cometer anacronismos, atribuindo em demasia nosso estilo, conceitos e outras concepções em geral às questões filosóficas⁹. Nesse aspecto, é recomendável cautela para uma aproximação, uma vez que não temos uma compreensão imediata. Dito isso, contemplaremos, ao menos no principal, aquilo que se refere e contribui para nossos objetivos neste presente trabalho.

Com efeito, os filósofos pré-socráticos, que também são conhecidos como filósofos da *physis* já se punham a diferenciar entre aquilo que é material daquilo que não é. Posto isto, é possível distinguir entre duas principais linhas de raciocínio para fundar o conhecimento: uma que parte da *matéria*; a outra que parte de uma *noção abstrata*¹⁰.

⁵ Também como *amigo do saber, amante do saber*.

⁶ Toda a tradição poética representada por Homero e Hesíodo.

⁷ Convencionalmente chamados assim na tradição filosófica ocidental.

⁸ Academias, ou simplesmente o legado de cada filósofo.

⁹ Neste sentido, sou muito duvidosa quanto à compreensão mesma daquilo que disseram os pré-socráticos (sobretudo quando nos valemos somente de traduções). Mesmo assim, o trabalho de se chegar mais próximos da exatidão conceitual é de imenso valor aos nossos estudos. Deste modo consideramos a *filologia* e a *exegese* como parte essencial de pesquisa filosófica.

¹⁰ A primeira, com Tales, e os Jônios, Demócrito e Epicuro. A segunda, estariam os Eleatas.

Mas é notável que estas noções ganham definição mais categóricas no séculoIV a. c, na medida em que Aristóteles faz a separação do conhecimento da 'physis' com o da 'tà metà tà physiká' e proclama a filosofia como *filosofia primeira*¹¹:

[...] toda filosofia deve começar com uma investigação sobre a faculdade de conhecimento, suas formas e leis, assim como de sua validade e de seus limites. Uma tal investigação será a *philosophia prima*. [...] Essa parte geral [...] se chamava Ontologia¹², que compunha a teoria das propriedades universais e essenciais das coisas em geral enquanto tais. [...] A filosofia em sentido mais estrito que se segue de tal investigação é a metafísica. (ARISTÓTELES *apud* SCHOPENHAUER, 2010, p.47).

Diante disso, é importante mencionar a filosofia como um conhecimento diferenciado da ciência, sendo, pois, anterior a esta.

¹¹ Podemos dizer que essas são as bases daquilo que hoje, na contemporaneidade, dizemos ser o estudo da *física* e o estudo da *metafísica*, respectivamente.

¹² Arthur Schopenhauer está se referindo ao filósofo Christian Wolff (nascido no século XVII), atribuindo a ele o conceito de *Ontologia*.

3. Onde paira a legitimidade filosófica?

Assim como a ciência, a filosofia jamais poderá se encontrar em alguma teoria como acabada. Pois se considerássemos que ela se encerrasse em meros conceitos ou sistemas, e não na realidade do mundo, talvez aí sim, fosse um dogma. Nessa perspectiva, a filosofia é o permanente viver, sempre atenta a considerar mais algum acréscimo àquilo que “pensou”. E de igual maneira, pronta a destruir seus próprios princípios, a fim de chegar mais próxima do grande segredo da existência.

Mas o filósofo, ainda mais que qualquer outro, deve explorar aquela fonte originária, o conhecimento intuitivo, e ter sempre em vista as coisas mesmas, a natureza, o mundo, a vida, e fazer disso, e não dos livros, o texto de seus pensamentos [...] as verdades fundamentais constituem seu propósito mais elevado. (SCHOPENHAUER, 2010, p.86).

Em contrapartida, como a filosofia teórica precisa de conceitos para comunicar o conhecimento a que se propõe, não consegue se valer daquilo que é imediatamente dado. Notemos, desse modo, que há uma certa dificuldade em conceber uma verdade filosófica, justamente por esta apresentar-se de modo mediato e de acordo com o processo de abstração da nossa razão. Mas é nesse processo que as teorias filosóficas podem ficar reféns de longas cadeias de palavras, podendo se tornar muitas vezes tediosas, ou ainda se construírem em cima de conceitos vazios. Assim se constroem os erros na filosofia teórica.

Em contrapartida, se a teoria mantém-se fiel em última instância à própria realidade, e necessita da contrapartida do (a) próprio (a) estudante, leitor (a), tal teoria pode se instituir como uma teoria verdadeira ao passo que oferece a sua confirmação nas coisas mesmas.

E nesse sentido, algumas teorias que apesar de se colocarem como dogmáticas, podem se justificar e pedirem um voto de credibilidade, posto ao fato de já com antecedência explicar de onde parte e como cada um de nós pode encontrar concordância ao que está sendo afirmado. De acordo com isso, Arthur Schopenhauer escreveu sobre sua abordagem filosófica:

Por isso, pude também ficar sempre despreocupado quanto à harmonia de meus princípios, até mesmo quando alguns deles me pareciam incompatíveis, como aconteceu algumas vezes num certo período de tempo. Pois encontrou-se depois a concordância por si mesmo, na medida em que os princípios apareceram juntos e completos. Porque a concordância não é

pra mim outra coisas a não ser a concordância da realidade consigo mesma, que assim nunca pode faltar¹³. (SCHOPENHAUER, 2003, p.119).

Nesta perspectiva, podemos conjecturar que há diferentes tipos de abordagens, e cada qual, apresentando seus diferentes modos de construir sua estrutura teórica. Mas para nós, o importante é chamar atenção para o fato de que, se enquanto a filosofia é propositiva e se constitui como dogmática, ela pode além de somente apresentar suas “verdades” dar a possibilidade de testar suas leis. Ademais, podemos dizer que a teoria só é uma possibilidade daquilo que realmente acontece. De acordo com isso, Schopenhauer escreveu: “A realidade é a conclusão de um silogismo, ao qual a possibilidade dá as premissas”. (SCHOPENHAUER, 2001, p.100).

Então poderíamos nos perguntar se esta busca pela verdade não poderia tornar a filosofia em um dogma? Sim, ao menos enquanto ela é propositiva, e se propõe a dizer a verdade. No entanto, como vimos, essa possível verdade é dada *in abstracto*¹⁴ teórica e genericamente. De tal maneira, portanto, em si mesma não pode tornar nada real.

Mas como a filosofia está voltada para a formação humana e assim, concebe os problemas da humanidade, e visa, portanto, a universalidade, tendo como finalidade de todas suas realizações a compreensão da totalidade das coisas, ela só pode ser atingida quando o sujeito (filósofo) também se coloca nessas mesmas condições, ou seja, quando ele é o expectador de tudo, trazendo a si, assim como todas as alegrias, artes e conquistas, todas as dores da humanidade.

Nesse sentido dizemos que a filosofia só pode encontrar um sentido para a própria humanidade. Pois, nasceu para todos. Ela é um convite produzido sob um prisma que não se encerra em uma particularidade. A aceitação desse convite pode nos levar a um caminho sem volta. Seus ensejos não podem prometer nada, a não ser a busca pela própria verdade. E além disso, sua companhia pode ser dura, porém poderá ser também algo majestoso. Pois ao cumprir a árdua tarefa de compreender os homens e o mundo, ela jamais poderá afirmar que um só fique sem amparo, mesmo aqueles considerados os mais difíceis.

¹³ É válido lembrar dos conceitos que se relacionam entre si, mas que não “descem” ao mundo empírico, intuitivo, fazendo parte dessa classe de conceitos, os *a priori*, descobertos por Immanuel Kant. Dado esta exceção de classe conceitual, todo conhecimento conceitual se refere ao mundo fenomenal.

¹⁴ Mais adiante retornaremos a este conceito schopenhauereano.

3.1 MAS, PARA QUÊ FILOSOFIA?

Não é coisa da contemporaneidade a indagação sobre a legitimidade do conhecimento filosófico. A história está aí para mostrar que já na antiguidade haviam os que reconheciam na filosofia algo de muito estimável e sério, do mesmo modo que haviam os que dela tiravam seus proveitos, ou ainda abordavam suas questões com certo tom jocoso¹⁵.

Nesse sentido, podemos dizer que as coisas ainda continuam a se passar de modo semelhante. Assim, hoje, é muito comum conceber o conhecimento filosófico como apartado dos demais, como sendo algo apenas acessório e não essencial.

Além disso, nos perturba o fato de que se não bastasse as boas pessoas, as maravilhosas obras, escritos cheios de conteúdos serem tolhidos diariamente em todos os campos de atuação no palco da sociedade humana, ainda ocorrem fatos em que aqueles são usados para determinados fins outros, e acabam por se amalgamar, e em outras vezes, são transformados em apenas mais uma peça da engrenagem. Em conformidade com isso, Schiller, escreveu:

Divorciaram-se o Estado e a Igreja, as leis e os costumes; a fruição foi separada do trabalho; o meio, do fim; o esforço, da recompensa. Eternamente acorrentado a um pequeno fragmento do todo, o homem só pode formar-se enquanto fragmento; ouvindo eternamente o mesmo ruído monótono da roda que ele aciona, não desenvolve a harmonia de seu ser e, em lugar de imprimir a humanidade em sua natureza, torna-se mera reprodução de sua ocupação, de sua ciência. [...] A letra morta substitui o entendimento vivo, a memória bem treinada é guia mais seguro que gênio e sensibilidade. (SCHILLER, 2002, p. 37).

Aliás, quantos disparates existem e são continuamente repassados para as mentes ainda despreparadas para se defender de pressuposto, uma suposição? Que nossa mente é capaz das mais incríveis imaginações e divagações não há dúvida. Mas como poderíamos nos defender de dogmas que violam as leis que regem nossa

¹⁵ Na antiguidade grega, por um lado, Platão se esforça para diferenciar os filósofos dos sofistas. De outro lado, Aristófanis em sua comédia *As nuvens*, satiriza aquele a quem Platão se refere como filósofo: Sócrates.

natureza e aceitar de bom grado teorias baseadas em inferências que extrapolam até mesmo o bom senso?^{16 17}

Por assim ser, até mesmo se considerássemos as mais pessimistas suposições, onde que em uma ação humana perversa fosse ateadado fogo em todas as bibliotecas do mundo, queimando toda a história filosófica, ainda assim, haveriam aqueles que se ergueriam em busca da verdade, e começariam tudo novamente. Pois:

[...] é preciso admitir que quem tem aptidão para a filosofia, e por isso sente falta dela, também a encontrará e conhecerá por outras vias, coisas que se amam e que nasceram umas para as outras relacionam-se facilmente: almas afins já de longe se saúdam.” (SCHOPENHAUER, 2001, p.3).

De fato, gostaríamos de sempre que possível voltar a nos encontrar depois de porventura nos perdermos um pouco. E pensar que haja filósofos obstinados a “falar só por falar”, seria algo leviano de nossa parte, se não fosse os encontros com textos enormes e de leituras fatigantes e que, no pior de tudo, nos levam a engendrar falsas concepções sobre a vida como um todo, nos tornando reféns de uma mentira.

Sobretudo, quando estamos a colocar em evidência o fato de que em algum momento da vida, estamos aos cuidados de outros. Quando crianças necessitamos de alguém que nos guie para alguma direção. Alguém que não nos deixe se sentir só, perdidos, até que porventura possamos seguir sozinhos. De maneira semelhante é assim quando estamos a nos iniciar nos estudos, necessitamos que as palavras, as imagens, as teorias não nos traiam quanto a suas verdades.

Ora, pois, quando foi que a “filosofia” se perdeu de sua verdadeira preocupação? Isto é, quando deixou de perseguir a verdade? Seria muita desatenção culparmos uma ou duas abordagens somente. Todavia, devemos investigar a história sempre que possível, a fim não só de encontrar as falhas, mas para procurarmos os vestígios da verdadeira filosofia, e traçar a ela um fio condutor para evitar que a percamos dentre os misturados de teorias que não esclarecem nada.

E levando em consideração o fato de que o nosso tempo é limitado nesta vida, tão melhor seria se conseguíssemos encontrar toda a quintessência das capacidades humanas. Por isso, seria essencial que tivéssemos não só à mão um material de

¹⁶ “É difícil, senão impossível, remover mediante palavras hábitos a longo tempo incorporados ao caráter destas pessoas.” (ARISTÓTELES, 2000, p.239).

¹⁷ Todo dogma, desde que bem engravado, e na hora precisa, mesmo que imbecil, fica para sempre. (SCHOPENHAUER, 1960, p. 89).

excelente qualidade, mas também cultivar em nós mesmos uma capacidade para distinguir entre o bom e aquilo que é mero embuste.

É por aquilo que hoje é ensinado e propagado sob o nome de filosofia que levantam-se suspeitas, visto que isso acaba recaindo sobre a mesma. Abrindo assim, um campo largo para todo tipo de acusações. Levando desconforto aos empenhos mais honestos e dignos dos homens e mulheres que empenham-se para não deixar se extinguir esse conhecimento inestimável e insubstituível ao gênero humano.

Diante disso, vale ressaltar que quando a filosofia se presta a servir interesses outros, como por exemplo, do Estado, dos currículos escolares e institucionais, e deixa de ser autônoma, assim deixando de ser fiel a seus próprios princípios, recaindo sob pressupostos que nem de longe lembram aqueles que outrora firmou como parte indissociável de suas conjecturas, é só mais uma farsa dentre as demais. “Uma filosofia presa à religião do Estado, como o cão de guarda presa ao muro, é apenas uma irritante caricatura do mais elevado e nobre esforço da humanidade.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 10).

Sob este viés, é presumível que nos deparemos com as desmesuradas falhas teóricas dos indignos textos “filosóficos” que são continuamente produzidos com finalidades escusas. Além disso, não é coisa da contemporaneidade a criticidade vir pôr em dúvida a uma teoria. Lembremos das críticas, não somente as depreciativas, mas também as sérias e honestas. À medida que aquelas põem em dúvida mediante mentiras, estas, encontram justificativas aceitáveis para o questionamento.

Dessa maneira, talvez para esclarecer esse contraponto, lembramos do grande crítico cético que abriu caminho para Immanuel Kant marcar para sempre a filosofia: David Hume¹⁸, que sobretudo se mostrou um pensador sério, digno de valor. Chamando a atenção quanto aos casos em que os sistemas filosóficos se perdem em emaranhados de proposições sem sentido.

Em seus textos, criticou as pesquisas profundas com seus falsos descobrimentos, acusando uma parte dos filósofos¹⁹ de serem abstrusos pelo emprego de palavras vazias que acarretam um campo fértil para todo o tipo de especulações, e estas, por sua vez, ocasionariam em erros, superstições e em uma falsa *metafísica*²⁰.

¹⁸ Filósofo escocês, nasceu no ano de 1711.

¹⁹ Crítico do racionalismo da sua época, tal como de René Descartes (nasceu no ano de 1596).

²⁰ Iremos voltar a este conceito no prosseguimento do trabalho.

Ademais, um *conceito* vazio ao ser empregado em nosso vocabulário pode nos levar a grandes erros, nos deixando à mercê de dúvidas sem fim e desajustes no entendimento de si e do mundo. Mas com o pensamento abstrato, com a razão, introduzem-se, na especulação, a dúvida e o erro, na prática, a ansiedade e o arrependimento. Se, na representação intuitiva, a aparência pode por um instante deformar a realidade, no domínio da representação abstrata o erro pode reinar durante séculos, estender sobre povos inteiros o seu jugo de ferro, sufocar as mais nobres aspirações da humanidade, e fazer acorrentar, pelos seus papalvos e escravos, aquele homem que não pôde iludir. Ele é o inimigo contra o qual os maiores espíritos de todos os tempos tiveram que sustentar uma luta desigual, e as conquistas que eles puderam fazer a esse inimigo são os únicos tesouros do gênero humano. (SCHOPENHAUER, 2001, p.43-44).

Nesse sentido, os problemas da *filosofia* teórica tomados em falsas concepções são tão perigosos quanto a qualquer tipo de mentira, estas que roubam a nossa liberdade, que pode como uma miragem iludir os olhos que ainda não puderam observar por outro ângulo, ou ainda, encravar um dogma baseado em princípios pífios.

Em harmonia com isso, David Hume também não descarta a possibilidade de um cultivo da verdadeira filosofia, até mesmo aquela sofisticada. Porém, desde que esta encontrasse uma justa adequação à vida real, trazendo, pois, alguma luz para a humanidade. É o que verificamos em suas palavras:

O caminho mais doce e inofensivo da vida passa pelas avenidas da ciência e do saber; e, quem quer que possa remover quaisquer obstáculos desta via ou abrir uma nova perspectiva, deve ser considerado um benfeitor da humanidade. (HUME, 2011, p.23).

E ainda adverte que, ficaríamos felizes se as diferentes correntes da filosofia se reconciliassem à “investigação profunda com clareza e a verdade com a originalidade.” (HUME, 2011, p.28). Se os nossos tão fatigantes empenhos se reconciliassem com nossas mais importantes questões, e que de verdade nos ajudassem nessa dura tarefa de viver. Ademais, quantos são os tesouros que por pura maldade humana continuam escondidos?

Não é só na filosofia que vemos o erro tomar o lugar do correto, percebemos isso nas artes e nas ciências, de modo que o bom e genuíno tenha que sempre esperar a aparecer²¹, enquanto observa de longe o tosco e ruim se acotovelarem por seus espaços, que naturalmente prosperam sem maiores preocupações. Em verdade, podemos conjecturar que:

²¹ Quando não minguar e morrer.

Todo erro traz em si uma espécie de veneno. Se é a inteligência e a ciência que fazem do homem o dono da terra, daí resulta que não há erros inofensivos, e ainda menos erros respeitáveis ou sagrados. E, para tranquilizar aqueles que, de uma maneira ou de outra, aplicam a este nobre combate as suas forças e a sua vida, não poderia dispensar-me uma outra observação: é que o erro pode agir livremente enquanto a verdade não faz a sua aparição e atuar ao abrigo da noite como os mochos e os morcegos; porém mais depressa os mochos e os morcegos fariam o sol recuar para o oriente do que o erro passado chegaria a retomar o seu lugar e fazer abrir caminho à verdade uma vez reconhecida e abertamente proclamada. Tal é o poder da verdade; a sua vitória é lenta e penosa, mas uma vez alcançada, nada a poderá arrancar. (SCHOPENHAUER, 2001, p.44).

Nessa perspectiva, reconhecemos a importância de todo tipo de conhecimento manter o rigor de seu procedimento, assegurando o seu comprometimento com a verdade. Nesse viés, poderíamos nos questionar quanto a existência de uma verdade apenas, como se alguma teoria pudesse a alcançar de modo absoluto.

Sobre isso, o mais saudável a se dizer é que, para qualquer teoria, seja filosófica ou não, a melhor saída é que se procure sempre compará-la com as demais, mas que, principalmente, seja atestada, quando possível, na própria realidade. Tendo em vista que, para que haja verdadeiramente a construção de um conhecimento não basta ler de acordo com a cabeça alheia, é preciso que se pense por si mesmo. "O que hás herdado de teus pais adquiere, para que o possuas". (GOETHE apud SCHOPENHAUER, 2010, p.43).

A perda de legitimidade e desconfianças que se jogam aos trabalhos filosóficos podem advir principalmente por haver pessoas não voltadas para o conhecimento filosófico somente, mas que se ligam a ela por ocasião. Sob esta linha de raciocínio Platão escreveu: "O descrédito que atualmente se abate sobre a filosofia se prende ao fato de se ligarem a ela pessoas indignas, pois não deviam dela se ocupar talentos bastardos, mas os legítimos". (PLATÃO apud SCHOPENHAUER, 2001, p.3)".

Este estado mais sóbrio, sincero, e as vezes duro dos humanos não depende precisamente da filosofia. Muito pelo contrário, é a filosofia que depende dos humanos. Pois da mesma maneira que eram dos poetas gregos que nascia a inspiração para ouvir os cantos belos e lamuriosos das musas; é do próprio homem que nasce a pura disposição para ouvir, mesmo que em tom mais baixo, as verdades filosóficas.

Ela é uma planta que, como o rododentro e a flor dos penhascos, só medra no ar puro da montanha, mas degenera sob cuidados artificiais. Na maioria das vezes, aqueles representantes da filosofia na vida, civil a representam tão só como o ator representa o rei. Eram por acaso os sofistas (que Sócrates

tão incansavelmente combatia e que Platão tomava por tema do seu escárnio [...]). (SCHOPENHAUER, 2001, p.31).

Nesse sentido, Arthur Schopenhauer escreveu: “Mas a filosofia é um todo, portanto uma unidade, e está voltada para a verdade, não para a beleza: há toda sorte de beleza, mas apenas uma verdade; como muitas musas mas apenas uma Minerva. (SCHOPENHAUER, 2010, p. 30).”

Diante disso, poderíamos dizer o quanto é maravilhoso os homens nascer em condições apropriadas para tecer em si toda a sua bem aventurança. No entanto, sabemos que nem sempre isso é possível. Mesmo assim, seria mais apropriado que o malogro não fosse facilitado por nós mesmos.

Em teoria, há muitos caminhos que podem nos levar ao termo *filosofia*, mas de fato, não são muitos os caminhos que nos levam até o seu conteúdo. Dando importância à situação de que a filosofia verdadeira possa se encontrar oprimida. Mas diferente de todos os *modismos* que vêm e vão, ela é de uma natureza mais permanente e sobreviverá em todos os tempos, ainda que para uma geração ela possa permanecer inexistente. Em consonância com isso, destacamos que: “a vida é breve e a verdade vive longamente, fazendo efeito na distância: digamos a verdade.” (SCHOPENHAUER, 2005, p.25).

4. O conhecimento a partir de Schopenhauer

De acordo com Arthur Schopenhauer, a condição completa de todo conhecimento está na desta relação: *Sujeito x objeto*. Ao passo que, “tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe. Em uma palavra, é pura representação”. (SCHOPENHAUER, 2001, p.11).

No entanto, esta verdade não é para negar as propriedades da matéria, pois Schopenhauer está de acordo com uma concepção antiga oriental, a Vedanta, da qual verifica-se que:

O dogma essencial da escola vedanta consistia não em negar a existência da matéria, isto é, da solidez, da impenetrabilidade, da extensão (negação que, com efeito, seria absurda), mas apenas corrigir a opinião comum sobre este ponto, e sustentar que esta matéria não tem uma realidade independente da percepção do espírito, sendo existência e perceptibilidade dois termos equivalentes. (SCHOPENHAUER, 2001, p.10).

Sob esta perspectiva, apresentam-se, então, estes dois lados que se completam e se efetivam na realidade. Atentando para o fato de que:

Estas duas metades são, portanto, inseparáveis, mesmo em pensamento; cada uma delas apenas é real e inteligível pela outra e para a outra; elas existem e deixam de existir em conjunto. Elas limitam-se reciprocamente: o sujeito acaba onde começa o objeto. Esta limitação mútua aparece no fato de que todas as formas gerais essenciais a qualquer objeto — tempo, espaço e causalidade — podem tirar-se e deduzir-se inteiramente do próprio sujeito, abstração feita do objeto: o que se pode traduzir na linguagem de Kant, dizendo que elas se encontram *a priori* na nossa consciência. (SCHOPENHAUER, 2001, p.11-12).

Entretanto, de acordo com Schopenhauer aquele que conhece tudo o que pode ser conhecido (sujeito) não está subentendido às próprias leis do tempo e espaço, é, portanto: “aquele que conhece todo o resto, sem ser ele mesmo conhecido” (SCHOPENHAUER, 2001, p.11). Notemos assim, que há duas perspectivas de análise para o conhecimento, uma interna e outra externa. Porém, reitera-se que estas são inseparáveis.

Segue-se que, um único sujeito, mais o objeto, chegariam para constituir o mundo considerado como representação, tão completamente como os milhões de sujeitos que existem; mas, se este único sujeito que percebe desaparecer, ao mesmo tempo, o mundo concebido como representação desaparecerá também. (SCHOPENHAUER, 2001, p.11).

Schopenhauer acrescenta o conceito de *causalidade* como podendo se encontrar *a priori* na consciência humana, acrescentado assim aos outros dois conceitos: *tempo* e *espaço*.

Assim, temos que a vontade é a essência última do fenômeno que subjaz em todo fenômeno (representação, objeto). (SCHOPENHAUER, 2001, p. 119). A vontade é a coisa em si kantiana; manifesta-se inteiramente em todos os fenômenos; este mesmo sujeito que tudo conhece pode conhecer o próprio corpo de modo objetivo (quando a mão tateia o tateia, o olho o vê, por exemplo).

A maior diferença a assinalar entre as nossas representações é a do estado intuitivo e do estado abstrato. As representações de ordem abstrata formam apenas uma única classe, a dos conceitos, apanágio exclusivo do homem neste mundo. Esta faculdade, que ele possui, de formar noções abstratas, e que o distingue do resto dos animais, é aquilo que desde sempre se chamou razão. (SCHOPENHAUER, 2001, p.12).

Nesse sentido, destacamos estes dois estados de representações²²: os de representações *intuitivas* apresentadas no mundo empírico²³, que são conhecidas objetivamente de modo mediato “como causa conhecida de efeitos dados subjetivamente” (SCHOPENHAUER, 2019, p.197); o outro, tipo de representações são as *abstratas*, que fazem parte os conceitos²⁴, cujos quais pertencem ao intelecto humano, mais precisamente à faculdade da razão²⁵ que constitui, dentre algumas de suas funções, a capacidade de verter o conhecimento *intuitivo* em *abstrato*.

[...]Toda a essência dos conceitos que formam a classe das representações abstratas consiste unicamente na relação do princípio da razão que elas evidenciam; e como esta relação é aquela que constitui o próprio princípio do conhecimento, a representação abstrata tem assim, por essência, a relação que existe entre ela e uma outra representação: esta serve-lhe, então, de princípio de conhecimento; mas a última pode também ser um conceito, isto é, uma representação abstrata, e ter, por sua vez, um princípio de conhecimento da mesma natureza. Todavia, a regressão não podia prosseguir até o infinito; há um momento em que a série de princípios de conhecimento deve chegar a um conceito que tem o seu fundamento no conhecimento intuitivo, visto que o mundo da reflexão repousa sobre o da intuição, de onde tira a sua inteligibilidade. A classe das representações

²² Destacando que Schopenhauer também considera uma outra classe de representações especiais e distintas, tempo e espaço, justamente por se apresentarem de modo *a priori* (isolados de todo seu conteúdo).

²³ No externo, no real.

²⁴ São universais. “Os conceitos mais elevados, isto é, os mais gerais, são também os mais esvaziados e pobres, por fim, apenas leves invólucros, como por exemplo, os conceitos de ser, essência, coisa, devir etc.” (SCHOPENHAUER, 2019, p.12).

²⁵ Correspondente ao *λόγος*.

abstratas distingue-se, portanto, da das representações intuitivas [...]. (SCHOPENHAUER, 2001, p.49).

Neste aspecto, podemos dizer que a razão é a faculdade correspondente ao apanágio humano, aquela faculdade capaz de criar todo o mundo refletido, artístico e também como ideia. Constituindo, portanto, o caminho para as formas comunicativas, sobretudo, a filosófica.

Assim, é a partir de si mesmo e das circunstâncias que cada ser pensante constrói o próprio modo de encarar a realidade e compor os seus pensamentos. De modo que:

A qualidade de nosso pensamento (seu valor formal) vem de dentro, mas sua direção, e com isso sua matéria, vem de fora. Deste modo, aquilo que pensamos em cada momento é o produto de dois fatores fundamentalmente diferentes. Por isso, os objetos são para a mente aquilo que o plectro é para a lira: daí a grande variedade dos pensamentos que a mesma visão produz em mentes diferentes. (SCHOPENHAUER, 2010, p. 91).

Desse modo, é possível ponderar que se por um lado, dependemos de nossas condições puramente fisiológicas para o que desenvolvemos em sua mente, por outro, dependemos do que o acaso nos revela a cada momento. “Mesmo assim, uma grande parte disso, ainda está sob nosso arbítrio, já que podemos determiná-lo à vontade, ao menos em parte, por meio dos objetos dos quais nos ocupamos ou que nos cercam”. (SCHOPENHAUER, 2010, p. 91).

À vista disso, as intervenções podem ser feitas por cada indivíduo, ao passo que a ele está dado o poder daquilo que se passa na mente. Todavia, os assuntos sérios e que importam verdadeiramente não são trazidos à mente arbitrariamente. Desse modo, seria viável que abrissemos caminhos para as boas ideias. Por conseguinte, isto evita de certas confusões oriundas da profusão de pensamentos que se cruzam e se estorvam²⁶, e dos quais poderíamos chegar a algum novo pensamento esclarecedor, quiçá genial.

Neste sentido podemos ir de encontro com as aspirações menos particular, ou seja, aquelas que não estão de acordo com nossa vontade individual, mas que pairam além de nós, fazendo em muitas ocasiões esquecermos de nós mesmos, as vezes por um curto período.

²⁶ Ainda mais considerando nossa cultura contemporânea que está mergulhada numa multiplicidade de objetos aos nossos sentidos de maneira espantosa.

[...] é possível uma transição do conhecimento comum, que concebe somente coisas isoladas, para o conhecimento da Ideia. Mas isso é uma exceção. Semelhante transição ocorre subitamente. O conhecimento se liberta da servidão da Vontade: justamente por aí o sujeito de tal conhecimento cessa de ser indivíduo, cessa de conhecer, meras relações em conformidade com o princípio de razão, cessa de conhecer nas coisas só os motivos de sua vontade, tornando-se puro sujeito do conhecimento destituído de vontade: com tal, ele concebe em fixa contemplação o objeto que lhe é oferecido, exterior à conexão com outros objetos ele repousa nessa contemplação, observa-se nela. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 45)

Diferenciamos assim, estes dois modos de observar e agir no mundo: um onde nosso intelecto se volta mais a sua finalidade natural: de servidão da *vontade*, estando assim a buscar apreender somente as meras relações entre as coisas para servir sua própria individualidade; e quando o intelecto abandona essa destinação natural, se volta, portanto, para o conhecimento objetivo, ou seja, o universal.

4.1 SCHOPENHAUER EDUCADOR

A diferença do sistema filosófico de Arthur Schopenhauer para os demais filósofos da tradição ocidental é aquela que ele mesmo percebeu: “Quase nenhum sistema filosófico é tão simples e composto de tão poucos elementos como o meu, podendo por isso, ser facilmente visto e apreendido com *um* olhar”. (SCHOPENHAUER, 2003, p.118). É aquele cujas palavras não se derivam de inferências vazias²⁷, podendo ser conferida por seu leitor a qualquer momento.

O escritor filosófico é o condutor e o seu leitor andarilho. Se eles devem chegar juntos, eles devem antes de tudo partir juntos diante de todas as coisas. Ou seja, o autor deve levar seu leitor a um ponto de vista que eles certamente têm em comum: este não pode ser nenhum outro que a consciência empírica que todos temos em comum. Que o filósofo tome seu leitor firmemente pela mão e veja que altura, para além das nuvens, ele pode atingir junto com ele, passo a passo, na trilha da montanha. Assim também fez Kant [...] (SCHOPENHAUER, 2003, p.118).

É nesse aspecto que a filosofia pode significar também educação. Desde que esteja conservado aquele “espírito” antigo ligado à sua mais nobre aspiração, da comunicação. Ter algo para comunicar. Ter um conhecimento para se ensinar. Eis

²⁷ Em última instância os conceitos de Schopenhauer, em sua maioria, sempre poderão ter apoio na realidade mesma, ou seja, na intuição imediata no próprio mundo.

algo difícil de se ver hoje em dia, talvez, por estarmos muito distantes do fecundo ventre de onde surgem os pensamentos e as ideias originais, frutos do tempo, do amadurecimento, e não de um acaso qualquer, de um simples momento de inspiração, ou de uma eventualidade.

Partiremos, portanto, de um pressuposto em que todo aprender representa um ponto. Mas é um ponto sem retorno: "dê-me um ponto de apoio [e eu moverei a terra]". (ARQUIMEDES *Apud* SCHOPENHAUER, 2012, p.99). Ou seja, antes se era de um jeito, agora, se é de outro.

Então, o conteúdo filosófico vem e nos apresenta um novo questionamento em relação à vida. Algo que contra todas as probabilidades, com profundo questionamento só pode ter surgido pelo amor ao saber, ao conhecimento; ao amor pela existência, pelo agir, pelo outro.

Em direção a isso, o que podemos esperar da filosofia de Schopenhauer é de encontro ao que indagou Thomas de Quincey sobre os tempos em que Jesus Cristo chegou à Terra: "[...] uma pergunta secreta ou uma resposta secreta; [...] *Em primeiro lugar*, uma nova e misteriosa doutrina da verdade, [...] cujo próprio mistério constituía um perigo suplementar. [...] crescia o 'medo da mudança' que 'perturba os monarcas'." Porque "[...] tratava-se pura e simplesmente de preparar um vulgar e piedoso projecto de engrandecimento terrestre." (DE QUINCEY, 2003, p.24-29).

Em outro aspecto, ainda haveria algo que continuaria em um profundo enigma, posto que a sentença socrática '*só sei que nada sei*' também tem um significado. Se por um lado há constatação de alguma coisa, por outro, conserva-se o mistério insondável da origem e da finalidade de nossa existência. Porém, mesmo que não seja possível explicar em absoluto nada, ainda assim haveria chances de que alguma coisa pudéssemos ter notícias, podendo assim se afirmar alguma coisa, mesmo que por outro lado, o conhecimento possa se apresentar de modo complexo e obscuro. Sob este viés Schopenhauer disse:

[...] a nossa consciência é tão mais brilhante e mais distinta, quanto mais ela alcança o exterior, de tal modo que a sua maior clareza reside na intuição dos sentidos [...] e, por outro lado, torna-se mais obscura quando nos dirigimos para dentro. [...] Neste ponto radical da existência a diferença entre os seres cessa, [...] e sobre esta individualidade repousa a consciência, [...] Mas assim que nos retiramos totalmente dela, a consciência nos abandona - no sono, na morte, e, até certo ponto, também na atividade magnética ou na magia, pois todos estes nos conduzem ao centro, [...] onde se encontra a eternidade, permanece em profunda paz, porque o centro é o ponto cuja metade ascendente não se distingue da descendente. [...] Aqui é claro, caímos na

linguagem mística e figurada, mas esta é a única linguagem na qual alguma coisa pode ser dita sobre esse tema inteiramente transcendente. (SCHOPENHAUER, 2014, p.472-473).

Logo, o dizer de Demócrito também faz muito sentido: "Na realidade nada sabemos, pois a verdade jaz num abismo" (DEMÓCRITO, 2005, p.281), possuindo como referência não só a origem inexplicável do nosso *ser*, mas também levando em conta toda a existência, com todos os seus efeitos sobre nós, desde suas emoções mais ternas até aquelas dores por vezes consideradas como insuportáveis para o corpo físico e para o coração dos homens: "[...] estou junto ao abismo do começo humano [...] em meio a este pavoroso dilacerar interior." (KLINGER, 1996, p.110-111). De maneira que a fonte de todo mistério se encontra exatamente dentro de nós mesmos. "[...] a palavra "eu" [...] é o nó do universo, e, em razão disso, inexplicável. [...] quem tornar presente para si, corretamente, o inexplicável dessa identidade, a denominará, como eu, o milagre [...] por excelência". (SCHOPENHAUER, 2019, p.317).

E também, em harmonia com essa ideia, Novalis escreveu: "A expectativa chegou a termo e se superou. Todos se deram conta do que lhes faltava [...] - O grande mistério nos é revelado e permanecerá eternamente insondável." (NOVALIS, 2017, p.56).

Na mesma via, retomemos o nosso raciocínio inicial sobre a filosofia como educação, mantendo o objetivo único nos assegurar daquele ponto inicial, sob o qual nos dá a possibilidade de caminharmos em direção a algo mais fecundo. Não esqueceremos jamais de todas as tentativas daqueles empenhos honestos de nos mostrar um caminho livre, audacioso e sujeito sim ao erro, mas apresentando suas devidas justificações.

Nietzsche descreve que estudar Schopenhauer "é como ao penetrar numa floresta; respiramos profundamente e sentimos imediatamente um profundo bem-estar". (NIETZSCHE, 2007, p.26). Pois que: "O verdadeiro pensador nos alegra e nos estimula sempre, [...]" (Idem, 2007, p.28). Por isso, ainda cabe dizer que mesmo que não caminhemos todos para uma mesma direção, em algum ponto nossos caminhos se cruzaram, e em algumas ocasiões, nossas mãos se seguraram.

Estamos em acordo com essas palavras: "Teus verdadeiros educadores, aqueles que vão te formar, vão te revelar aquilo que realmente é o sentido original e a substância fundamental de teu ser, [...] teus educadores nada podem fazer por ti, a

não ser tornar-se teus libertadores. E esse é o segredo de toda formação. [...] É por isso que hoje penso num só mestre, no único iniciador [...] *Arthur Schopenhauer*. (NIETZSCHE, 2007, p.19). Desse modo, que nossos mestres e discípulos, ou professores e alunos, consigam subir a montanha de mãos dadas, mas sem esquecer de que por mais que nossas mãos se soltem, o lugar em que chegamos foi por nós mesmos, mas também por eles. “Assim uma coisa ilumina a outra”. (LUCRÉCIO *apud* SCHOPENHAUER, 2013, p.127).

5 A ferramenta da razão

A linguagem é o instrumento por excelência do conhecimento humano, ela faz parte da faculdade da razão. Sendo que com ela podemos salvaguardar a quintessência da sabedoria humana. Sobretudo, em filosofia, cujas palavras ganham um significado ainda mais conciso e categórico, sob a formação de conceitos.

Por vezes, a compreensão pode ser difícil em um primeiro momento. No entanto, é preciso muita persistência para se aproximar daquilo que queremos. Quando estamos a estudar algo mais distante de nossa realidade, nos deparamos com elementos peculiares e variáveis. Todavia, também podemos nos deparar com elementos mais invariáveis, características mais gerais e atemporais, tal como é o ensejo filosófico.

A linguagem é o primeiro produto e o instrumento necessário da razão: também se vê em grego e em italiano a mesma palavra significar ao mesmo tempo a razão e a linguagem: ὁ λόγος, *il discorso*. Em alemão, *Vernunft* vem de *vernehmen* (compreender), que não é sinônimo de *hören* (ouvir), mas que significa a compreensão das ideias expressas pelas palavras. É apenas graças à linguagem que a razão pode realizar os seus maiores feitos, por exemplo, a ação comum de vários indivíduos, a harmonia dos esforços de milhares de homens num intento preconcebido, a civilização, o Estado; depois, por outro lado, a ciência, a conservação da experiência do passado, o agrupamento de elementos comuns num conceito único, a transmissão da verdade, a propagação do erro, a reflexão e a criação artística, os dogmas religiosos e as superstições. (SCHOPENHAUER, 2001, p.45).

Nesse sentido, empregar as palavras, os conceitos corretamente pode nos trazer uma série de combinações significativas de modo totalmente *in abstracto*²⁸, ou seja, sem precisarmos ter a experiência *in concreto*²⁹ para pensarmos a possibilidade de ocorrer. No entanto, é preciso que este tipo de raciocínio siga algumas regras para não ser somente uma concatenação de palavras vazias a nos fazer cair em erros não só observados no âmbito da lógica³⁰, mas também de outros âmbitos dos quais os julgamentos são necessários.

A comunicação clara e precisa é uma verdadeira arte, podendo sem igual, não apenas esclarecer sobre uma questão essencial aos humanos, como também trazer

²⁸ Ligado à razão.

²⁹ Ligado à intuição.

³⁰ Quanto à lógica [...] Ela é a ciência geral dos procedimentos da razão, analisados pela própria razão e erigidos em preceitos, depois de uma abstração operada sobre o pensamento. (SCHOPENHAUER, 2001, p.53).

uma nova perspectiva, um novo ânimo, um alento em meio às terríveis adversidades, as palavras não só apontam caminhos, elas edificam abrigos invisíveis.

Nesse sentido, encontrar uma leitura que realmente nos traga mais esclarecimento é imprescindível para avançarmos no conhecimento filosófico, já que nos confundimos suficientemente sozinhos. Por conseguinte, e sob esse aspecto, nos é permitido afirmar que no conhecimento há um tipo de desenvolvimento quando tomamos como objetivo obter um ganho de clareza sobre aquilo que estamos a conhecer.

Assim, necessitamos de excelentes obras, e se nos é tão raro encontrá-las, tão precioso será conservá-las. Desse modo, é recomendável que tanto no presente como no passado busque-se aquilo que contribua verdadeiramente para o nosso saber. Sobretudo no passado, cuja reiteração através do tempo revela o clássico. Em conformidade com isso Arthur Schopenhauer escreveu: “Lê aplicadamente os antigos, os antigos propriamente verdadeiros! [...]”³¹. E ainda Schopenhauer adverte: “Para ler o que é bom uma condição é não ler o que é ruim, pois a vida é curta, o tempo e a energia são limitados”. (SCHOPENHAUER, 2005, p.133).

A palavra dos homens é o material mais duradouro [...] aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente em cada leitor receptivo. Sabemos que, do ponto de vista gramatical, quanto mais antigas as línguas, mais perfeitas elas são [...] o que me parece plausível é a suposição de que o homem inventou a linguagem instintivamente [...] É esse o caso da primeira língua, da língua original: ela possuía a elevada perfeição de todas as obras do instinto. (SCHOPENHAUER, 2006, p.145-147).

Sobretudo quando não nos entendemos a partir da mesma *língua* e, mais pontualmente, não nos entendemos sempre em *conceitos*. Haja vista estarem distribuídos dentre tantas culturas e tempos distantes. Em contrapartida, os conceitos mais afinados com a realidade são os que são capazes de levar mais clareza ao intelecto, e assim, produzir o conhecimento propriamente racional.

Ainda mais que seja muito improvável que um indivíduo consiga harmonizar para si, dois sistemas teóricos completamente opostos. Isso pode ser feito apenas para determinados fins, mas não servindo como verdade para o próprio indivíduo. Sobretudo quando consideramos o lado da subjetividade, a lógica intrínseca do próprio pensamento, a formação de juízos.

³¹ A continuação da citação: “[...] O que os modernos dizem sobre algo não significa muito.” Fragmentos para a história da filosofia). (SCHOPENHAUER, 2003, p.17).

Sendo assim, um indivíduo sempre irá refletir por sua inteira necessidade, as vezes para corroborar com dados de sua intuição, outras para engendrar novas concepções, esclarecer algo que faltavam as palavras para a razão. No entanto, os escritos, as teorias podem se apresentar com certas dificuldades. Levando em consideração os inúmeros empecilhos que se impõem. Dentre tantos motivos, senão o mais grave, mas talvez o mais desencantador é a falta de apreço aos escritos antigos, que é frequentemente desencorajado indiretamente nos modelos educacionais da contemporaneidade³².

A maior parte de todo o saber humano, em cada um dos gêneros, existe apenas no papel, nos livros, nessa memória de papel da humanidade [...] A maioria dos eruditos é muito superficial. Segue-se, cheia de esperanças, uma nova geração que não sabe nada e tem de aprender tudo desde o início; de novo ela apanha aquilo que consegue ou aquilo de que pode precisar em sua curta viagem, depois desaparece igualmente. Assim, que desgraça seria para o saber humano se não houvesse escrita e imprensa! (SCHOPENHAUER, 2006, p.29-30).

A forma da escrita, pode ser estimada também como uma arte, e isso não é coisa de uma época só, ou uma cultura específica. A escrita como arte é evidenciada pela combinação de certos elementos que as palavras revelam seus ensejos. É pelo refinamento de tais combinações que os grandes autores comunicam não só um conteúdo objetivo, mas podem evidenciar de estilo, caráter e até mesmo de seus mais profundos sentimentos. De acordo com isso, Schopenhauer escreveu:

O estilo é a fisionomia do espírito. Ela é menos enganosa do que o corpo. Imitar o estilo alheio significa usar máscara. Por mais bela que esta seja, torna-se pouco depois insípida e insuportável porque não tem vida, de modo que mesmo o rosto mais feio é melhor do que ela." (SCHOPENHAUER, 2006, p.79).

E, de maneira semelhante, a escolha do que ler passa por um critério não menos exigente. Levando em consideração o fato de poder haver um tipo de moda que prescreva que determinadas obras devam fazer parte de nossas leituras. Certamente que há muitos livros que trazem mais obscuridades para nossa mente. Por isso, menos prejuízos no entendimento poderiam ser evitados se nenhuma palavra vazia fosse lida nesses livros.

³² Quando Schopenhauer escreveu uma crítica similar sobre isso, ele se referia aos modernos, ao passo que agora nos referimos aos contemporâneos. Entretanto, para falar mais especificamente, falamos do sistema brasileiro de educação, desde seus fundamentos até a sua finalidade, que com raras exceções consegue estimular os jovens a buscar os conhecimentos clássicos, das línguas antigas, e da filosofia.

Sendo assim, antes melhor fosse praticar a arte de não ler do que ler algo ruim que poderia tomar nosso precioso tempo nesta vida. Bem por isso, um cuidado especial com a parte conceitual filosófica precisaria ser adotada, de tal modo a não cair na concepção de que é uma ciência somente conceitual.

Uma definição de filosofia incomum e indigna, mas que até mesmo Kant oferece, é aquela segundo a qual ela seria uma ciência de *meros conceitos*. Toda a propriedade dos conceitos não consiste em nada senão naquilo que se depositou neles após ter sido solicitado e retirado do conhecimento intuitivo, essa fonte efetiva e inesgotável de toda compreensão. Por isso uma filosofia verdadeira não se deixa entretecer com meros conceitos abstratos; pelo contrário, ela deve ser fundada na observação e experiência, tanto a interna quanto a externa. Também não é por meio de meras combinações de conceitos [...] que algo correto na filosofia será realizado. Assim como a arte e a poesia, ela tem que ter a sua fonte na apreensão intuitiva do mundo. (SCHOPENHAUER, 2010, p 35-36).

Por outro lado, como somos também racionais, tão mais ricos serão os pensamentos daqueles que não só decifram tudo o que possuem de maneira própria e natural, mas que também combinam isso em conceitos, que por sua vez, requerem mais atenção, por serem de natureza mais nebulosa e que demandarem esforço de abstração. Assim organizá-los necessita perseverança. O que faz da conquista do “mundo da reflexão” ser algo estimável e de valor imensurável. De acordo com isso, destaca-se também as outras artes comunicativas oriundas desse apanágio exclusivo do ser humano. Assim, escolhemos as palavras de Goethe, no "Conto da serpente verde", onde o rei pergunta a ela:

- De onde vens?
- Das profundezas onde habita o ouro - respondeu a serpente.
- Que é mais magnífico do que o ouro? - perguntou ele.
- A luz - respondeu a serpente.
- Que há de mais estimulante que a luz? - perguntou ele.
- O diálogo - respondeu ela. (GOETHE, 1991, p.291-292).

Nesse aspecto, ressalta-se sobre a preciosidade também de todo bom diálogo, tanto na forma oral quanto na forma de escrita. Um bom diálogo é aquele que acontece sobre os ditames da respeitabilidade, tanto para os participantes como para aquilo que se busque compreender. O diálogo, ainda que nem sempre venha a se propor fundamentar algum conteúdo é, além de eficaz para a ventilação dos problemas filosóficos, algo imensamente agradável, sendo um bom caminho para a concepção das coisas sob diferentes perspectivas.

6. Entre *sapientia* e *scientia*

Localizamos na tradição filosófica os termos: *sapientia* e *scientia* apresentando sentidos opostos:

Scott Eriugena (800-877) compreendia todas as ciências sob a epígrafe de SCIENTIA, em oposição com a filosofia que ele designava por SAPIENTIA. Os pitagóricos haviam já feito a mesma distinção, como se vê no *Florilegium* de Estobeus (vol. I. p. 20) no qual ela é formulada com nímia clareza e suprema elegância. Existe todavia ainda uma comparação mais feliz e picante para situar aquelas duas tendências do espírito. Não se lhe sabe a origem exata. Diógenes Laércio atribui-a a Aristipo de Cyrene; Stobeus atribui-a a Ariston de Chios; o escoliasta de Aristóteles atribui-a ao mesmo Estagirita, e Plutarco a Bion [...] Em nossos tempos tão profundamente apegados ao empírico ou experimental, ao prático ou concreto, é bom lembrar a ironia dos antigos. (SCHOPENHAUER, 1960, p.128-129).

De acordo com isso, é consentido dizer que, ainda persiste este sentido de oposição entre *sapiência* e *ciência* no século XXI.

É digno de enfatizar, primeiramente, sobre o discurso que se criou sobre “o que é ciência?”, e “o que é filosofia?”. E se é verídico o fato de que o conhecimento filosófico é mesmo diferente do conhecimento científico, então precisamos demarcar tais diferenças.

Dessarte, as mudanças das épocas não foram o suficiente para unificar estes tipos de conhecimentos. Ademais, as mudanças *paradigmáticas*³³, não foram o suficiente ao ponto de mudar as concepções de ambas, ao menos no seu essencial. Contudo, a filosofia parece estar muito mais próxima da ciência do que vice-versa, pois notamos um certo distanciamento da ciência em relação aos problemas da filosofia em seu sentido mais geral.

Todavia, não é somente os cientistas que apresentam um tipo de combate aos estudos da metafísica. Muitos filósofos mostram-se muito mais de acordo com os métodos de abordagens das ciências do que da própria filosofia em geral, ou de suas especialidades. Desse modo, muitos filósofos que se dizem filósofos poderiam prestar grande serviço à ciências e se intitularem como cientistas. Nessa perspectiva, lembramos dos desfavores que os filósofos do século XIX e do começo do século XX³⁴ e de suas investidas para acabar com a *metafísica*. Contudo, não foram suficientes.

³³ Conceito de meados do século XX, de Thomas Kuhn.

³⁴ O próprio Nietzsche, e mais tarde veio o Empirismo lógico ou Neopositivismo.

Convém para nós ainda, tecer algumas advertências sobre as concepções nascidas no século XVII, pois neste século, com a prática da ciência experimental, a ciência ganhou ares de *cientificidade*, e a filosofia passou a ser somente conhecimento especulativo³⁵.

Uma definição bastante ampla quanto ao conhecimento científico refere-se àquele que parte de causas físicas (empíricas, experimentais) para chegar a seu veredito. Mas o problema não é esse, mas sim uma falsa promessa da ciência experimental para alcançar as respostas mais fundamentais. Ademais, Arthur Schopenhauer, no século XIX retomando novamente o conceito de *causalidade* de David Hume aferiu que:

A ciência, com efeito, não poderia penetrar até a essência íntima do mundo; ela não ultrapassa nunca a simples representação e, no fundo, apenas nos dá a ligação entre duas representações. Toda a ciência repousa sobre dois dados fundamentais: o primeiro, o princípio da razão, sob qualquer uma das suas formas, servindo de princípio regulador; o segundo, o próprio objeto que ela estuda e que se apresenta sempre no estado de problema.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 36).

A ciência hoje é uma atividade reconhecida por uma comunidade que busca a validação de um tipo específico de conhecimento. Ademais, ela ocupa uma posição de altíssima relevância social. Isso se deve à valorização dos critérios que os cientistas usam para satisfazer suas pesquisas assim como também para a aplicabilidade de seus resultados nos mais diversos contextos sociais.

Contudo, se há algum aspecto que podem aproximar esses dois conceitos: ciência e sabedoria, certamente é em relação ao seu procedimento de evitar todo tipo de erro e ilusão. Sendo assim, nos chama a atenção o procedimento que parte do mesmo instrumento, o da razão. Assim, notamos que ela, a razão, serve para distinguir a *natureza*³⁶ de cada coisa, de cada conteúdo, de cada lição, isto é, respeitando as peculiaridades de cada unidade quando necessário; e por outro lado, também considerando sob o modo de homogeneidade. Assim sendo, procede-se com os *métodos* de nosso próprio intelecto para ser a base das ciências e também da filosofia.

³⁵ Não que não haja especulação, mas não abrimos mão do assertivo.

³⁶ Aqui com sentido conotativo de *classificação, ordenação, tipo*.

Neste sentido, os filósofos afirmaram que a operação do cérebro de categorizar os diversos pensamentos, classificar, distinguir, associar é a *chave para o método de filosofar*:

O divino Platão e o admirável Kant reúnem suas impressionantes vozes na recomendação de uma regra para o método de todo o filosofar, sim, de todo saber em geral. Duas leis devem ser satisfeitas, dizem eles, a da homogeneidade e da especificação, de igual forma, não porém uma em prejuízo da outra. A lei da homogeneidade nos manda apreender as espécies pela observação de semelhanças e concordâncias das coisas, reunir do mesmo modo as espécies e estas em famílias, até que por fim cheguemos ao conceito supremo, que abarque tudo. Na medida em que esta é uma lei transcendental, essencial à nossa razão, ela pressupõe concordância com a natureza com ela, pressuposto que é expresso na antiga regra: [não se deve aumentar sem necessidade o número das entidades essenciais – Princípio de Guilherme de Ockham.] A lei da especificação, por outro lado, é expressa por Kant da seguinte maneira: [não se deve diminuir desnecessariamente as variedades das unidades entidades essenciais – Crítica da razão pura, 2.ed., p.684]. (SCHOPENHAUER, 2019 p.31).

De acordo com esse procedimento, destacamos tanto as leis do conhecimento geral quanto dos específicos. Dessarte, é desse modo que ocorrem também as ramificações da ciência³⁷ e também da filosofia³⁸. No entanto, isso não faz com que a filosofia se subtraía da totalidade das coisas. Embora, possa ser observada de modo particular. Por conseguinte, preconiza-se a importância de localizar esses modos diferentes de categorizar os conhecimentos. Ademais, confundir estas duas leis, podem gerar grandes confusões, quando em vez de tomar um tomamos o outro.

Ademais, não é difícil, depois de nos atentar para esses processos do raciocínio, de compreendermos que o uso adequado pode contribuir para darmos grandes avanços tanto no conhecimento filosófico como naqueles mais comuns e leis.

Nesse sentido, dizemos que, se por um lado o conhecimento filosófico tende a buscar a generalizar para fundar seus princípios, por outro lado, a atenção especial para as particularidades contribuiu precisamente para evitarmos de subsumir as gradações de cada unidade. Pois, se prezando do conteúdo mesmo, da vida efetiva, e por isso das coisas mesmas, é errado apartar o conhecimento teórico com o conhecimento da realidade. Neste viés, Aristóteles chamou nossa atenção para atestar que a natureza. “*Natura non facit saltus, et quod commodissimum in omnibus suis operationibus sequitur.*” (A natureza não dá saltos, e, em todas as suas operações

³⁷ Como por exemplo: a física, a química, a biologia, a sociologia, etc.

³⁸ Como por exemplo: a epistemologia, a hermenêutica, a ética, a estética, a lógica, e assim por diante. Estas que dão ênfase ao tema ou objeto específico para o “dissecá-lo” melhor.

segue o caminho mais conveniente)”. (ARISTÓTELES *apud* SCHOPENHAUER 2014, p.483).

Desse modo, aquele mesmo procedimento também ajuda a distinguir as peculiaridades para cada campo de conhecimento. Todavia, sempre levando em consideração o fato de que somente na nossa mente as coisas estão de fato separadas, pois na realidade, com as coisas mesmas, elas estão unidas. Mas também devemos observar a relevância de conceber as coisas separadamente, de modo que assim, obtemos mais detalhes sobre o objeto em questão, alargando o nosso conhecimento mais específico e contribuindo para o nosso conhecimento geral.

Diante disso, nos cabe ainda fazermos algumas observações importantes, que naquilo em que consideramos o conhecimento das coisas mesmas nos é muito difícil separar o que cada área concebeu de modo particularizado. No entanto, quanto à separação teórica podemos atribuir com mais rigor o que compete a cada qual. Sobre isso, destacamos que a à ciência cabe as investigações que não ultrapassam o empírico, o experimental, e até mesmo a especificidade de cada fenômeno, cabendo à sua alçada encontrar as explicações para a formulação de suas teorias. No entanto, notamos a insuficiência científica para explicar a existência como um todo, assim, cabe à filosofia dar conta do aspecto que ultrapassa o físico. Pois é evidente que:

Se a simples física fosse capaz de resolver esse problema ela já estaria próxima de fazê-lo. Mas isso é eternamente impossível. [...] Aquilo que é moral é, entretanto, o núcleo ou o baixo fundamental da coisa, por mais que os puros físicos estejam pouco inclinados a compreender isso. (SCHOPENHAUER, 2010, p.194-196).

E mesmo que se fossemos aos caminhos particularidades de cada ramo da ciência, assim mesmo, a filosofia se faz necessária ao passo que não podemos subtrair a existência da metafísica para cada particularidade. Nesse aspecto dizemos que:

Diga-se a tempo que a Filosofia de cada ciência particular nasce independentemente da Filosofia Geral, vale dizer, surge sempre dos dados próprios dessa ciência. Dessarte, prescinde de esperar que a Filosofia Geral já se haja constituído para que exista. Todavia, acontece que mesmo vindo assim antes, ajusta-se perfeitamente à Filosofia Geral autêntica, que ao revés urge ser confirmada e aclarada pelas Filosofias das ciências particulares – pois a verdade mais geral deve sempre poder justificar-se através de verdades mais específicas. (SCHOPENHAUER, 1960, p.127).

Dessa maneira, concebemos que embora a ciência consiga melhor trazer à lume as suas provas para atestar sua veracidade, jamais poderá dar conta

suficientemente para garantir o seu conhecimento absoluto sobre qualquer objeto que seja, principalmente por não conceber outra explicação além da empírica.

7. Entre *religião e filosofia*

Schopenhauer escreveu:

Excetuado o homem, ser algum admira-se de sua própria existência. Ela é para todos uma coisa tão natural que nem a percebem. Vê-se por assim dizer a sabedoria da natureza falar, ainda no olhar tranquilo do animal. Pois intelecto e vontade não divergem ainda suficientemente no animal ao ponto de provocarem nele a consciência ou um motivo de estranheza quando se veem juntos[...] Dessarte é com o homem, vale dizer, com a razão, é que a natureza acorda atônica, e se admira de suas próprias obras e pergunta a si mesma o que ela é. (SCHOPENHAUER, 1960, p.84).

Por outras palavras, os homens assustam-se ao colocar em questão a natureza das coisas da qual ele mesmo faz parte. E se não fosse esse espanto consigo mesmo, tudo se seguiria naturalmente sem maiores problemas. Levando isso em consideração, os filósofos observaram esse fenômeno que se passa com os humanos e reconheceram como ponto inicial do pensar filosófico. Ademais, esse reconhecimento já estava presente nos textos de Platão e Aristóteles, filósofos que compõe expressivamente o corpo teórico da tradição filosófica ocidental.

Não obstante, essa estranheza não faz parte somente da filosofia. Isso se evidencia também em outra perspectiva, na religião. Que ao seu modo, também tenta dar respostas a esse aspecto sem igual da natureza humana. Assim, em torno disso temos os diferentes discursos teóricos, mas antes disso, é importante realçar que antes da existência de qualquer teoria há a necessidade.

Para que cheguemos a algum esclarecimento da diferença entre filosofia e religião é preciso, antes de mais nada, que coloquemos em análise em que termos estas se constituem. À vista disso, é necessário encontrarmos pontos em comuns dentre os diferentes legados que conservam e propagam o seu conteúdo e a necessidade de ambas na condição humana.

Dessa maneira, não é errado aproximar o conteúdo filosófico do religioso à medida em que partem de algo em comum. Sobretudo quando buscamos os reais motivos que os aproximam, isto é: a necessidade de buscar algo que exceda os fenômenos da existência.

Nesse sentido, no que se refere ao Ocidente, é impossível não compararmos os grandes representantes da religião Cristã e da filosofia: Jesus Cristo e Sócrates, que são pontos divisórios na religião católica e na filosofia ocidental, respectivamente.

Diante disto, é admissível afirmar que se tratando de sabedoria, que tão importante quanto os mestres, são seus discípulos. Haja vista que, para Sócrates, é Platão quem o enaltece, fazendo de Sócrates o personagem principal de seus diálogos; e no caso de Cristo, são os discípulos que dão os testemunhos do amor daquele homem, compondo os textos bíblicos da religião católica.

Assim sendo, a fé e o raciocínio se desenvolvem com finalidade de justificar a existência, procurando seus pressupostos que irão respaldar suas doutrinas e teorias. E mesmo que de um ponto de vista seja considerado que a filosofia também lide, por vezes, com algum tipo de crença³⁹, o seu diferencial está em justamente em se distinguir de uma teoria de fé, se justificando em: uma doutrina de *razão*.

Diante disso, nos é estimável nos valer das exigências de todo exercício filosófico: e em que sentido podem ser um ponto fixo para a construção de toda uma edificação de uma doutrina, uma verdade. E é justamente é nesse aspecto fundamental as questões filosóficas se distinguem de outros sistemas de pensamentos, onde exige que suas justificativas não sejam baseadas em uma fé ou em uma teoria baseada em uma falsa inferência.

Não nos esqueçamos de que nunca faltaram pândegos apostados em tirar sua subsistência dessa necessidade metafísica, explorando-a em todos os sentidos quanto pudessem. A história conta-nos: em todos os povos, épocas e regiões encontramos-los.

Com o objetivo de assegurarem perfeitamente o tráfico daquela necessidade, alcançaram direitos e imunidades para inculcar, no momento oportuno, aos homens, suas teses metafísicas, muito antes de a reflexão crítica, sair das trevas e desempenhar seu papel. Que se leia a História: - todo dogma, desde que bem engravado, e na hora precisa, mesmo que imbecil, fica para sempre. (SCHOPENHAUER, 1960, p.89).

Além disso, Schopenhauer também explica que: "A religião é a metafísica do povo, [...] é a única maneira de tornar acessível e fazer sentir o elevado significado da vida [...]" (SCHOPENHAUER, 2012, p.188). No entanto, podemos dizer que em ambos os homens e nas suas diferentes tarefas, eles necessitam de uma explicação que exceda ao mundo físico.

³⁹ Algumas teorias filosóficas estão bem próximas de antigas religiões. De acordo com o dicionário filosófico (ABBAGNANO, 2007, p.732) o *Orfismo* é uma: seita filosófico-religiosa bastante difundida na Grécia a partir do séc. VI a.C. e que se julgava fundada por Orfeu. Segundo a crença fundamental dessa seita, a vida terrena era uma simples preparação para uma vida mais elevada, que podia ser merecida por meio de cerimônias e de ritos purificadores, que constituíam o arcabouço secreto da seita. Essa crença passou para várias escolas filosóficas da Grécia antiga (Pitágoras, Empédocles, Platão).

De acordo com isso dizemos que "Os fundadores das religiões e os filósofos vem ao mundo para despertá-los de sua letargia e indicar-lhes o alto sentido da existência: [...]". (SCHOPENHAUER, 2012, p.188).

Para Schopenhauer, a religião e a filosofia, e mais precisamente a metafísica advêm do assombro e pasmo diante de nossa existência (suas dores e sofrimentos de todo tipo), e se institui de modo ainda mais trágico quando se depara com a morte. Schopenhauer distingue duas qualidades de metafísica, uma que se justifica em si mesma e outra que procura fora de si os seus fundamentos.

Schopenhauer diz que "Pois as pessoas precisam absolutamente de uma explicação da vida e ela deve estar de acordo com seu poder de compreensão. [...] Por isso ela [...] funciona como regra para a ação e como apaziguamento e consolo na vida e na morte, [...]". (SCHOPENHAUER, 2012, p.188).

E a filosofia, "[...] esta deve ser [...] para os poucos, os escolhidos." (SCHOPENHAUER, 2012, p.199). E, a verdade: "[...] não tem lugar diante dos olhos do vulgo profano; ela só lhe aparece diante de um espesso véu. [...] e toma o lugar da pura verdade filosófica, infinitamente difícil e talvez nunca alcançável." (SCHOPENHAUER, 2012, p.201).

Então, diante disso, ponderamos que a religião serve para saciar a necessidade metafísica do homem comum, este que não costuma olhar sob o prisma filosófico. Para ele, a religião serve de consolo e é tão útil quanto a filosofia é para o filósofo.

[...] pois ela constitui umas das necessidades mais naturais da humanidade; e na verdade, precisam de uma metafísica popular que, para assim o ser, deve unificar muitas e raras propriedades: a saber, uma grande clareza ligada a uma certa obscuridade e até mesmo impenetrabilidade nos pontos apropriados; logo, uma moral correta e suficiente deve se vincular a seus dogmas; mas sobretudo ela tem que oferecer um consolo inesgotável para o sofrimento e a morte. (SCHOPENHAUER, 2012, p.206).

Em relação à filosofia caracterizamo-la do seguinte modo:

A Filosofia ou Metafísica, como teoria da Consciência e de seu conteúdo, ou da totalidade da experiência como tal, não pode ser colocada no mesmo plano que as ciências, porque não se entrega ao estudo imediatamente sob a direitura ou critério do princípio da Razão, antes mesmo fazendo desse princípio da Razão o objeto de suas disquisições. A Filosofia ou Metafísica deve ser considerada como base fundamental de todas as ciências, sendo de essência superior a estas, mas delas parenta como das artes. Assim como em música cada período particular deve corresponder ao tom que a base fundamental alcançou assim também todo polígrafo na proporção, é óbvio,

da natureza de suas atividades trará o cunho ou a tessera da filosofia de seu tempo. (SCHOPENHAUER, 1960, p.126).

Dessa forma, Schopenhauer conclui para ambos os tipos de homens a necessidade metafísica. De modo que as distingue, e, torna claro aquilo que muitos tratam a partir dos mesmos pressupostos para explicarem suas doutrinas.

8. A moral e o seu nexu metafísico

O nexu entre metafísica e moral é o que há de mais importante no presente contexto deste trabalho, e, pode-se chamar seu ápice. Schopenhauer, em sua teoria filosófica sempre procura mostrar esse elo de ligação. Ele introduz toda a fundamentação da moral em cima disto:

De há muito reconheceram todos os povos que o mundo possui, além de sua significação física, também uma moral. [...] Os filósofos, por sua vez, estiveram em todas as épocas empenhados em obter uma compreensão clara da coisa, e a totalidade de seus sistemas, [...] aquilo de que tudo depende, a sua verdadeira significação, o ponto de virada, o seu ápice [...] se encontra na moralidade do agir humano. Disso resulta que pregar moral é fácil, mas que fundamentar a moral, porém, é difícil. Justamente por ser fixado pela consciência moral, esse ponto torna-se a pedra de toque dos sistemas, e exige-se com razão da metafísica que ela seja o suporte da ética: donde surge o difícil problema de comprovar, contra toda experiência, que a ordem física das coisas seja dependente de uma ordem moral e encontrar uma correlação entre a força que, agindo segundo leis naturais eternas, confere existência continuada ao mundo e a moralidade que habita o peito humano. (SCHOPENHAUER, 2013, p.208-209).

Mais à frente ele junta o argumento da filosofia e sua tarefa:

Por conseguinte, pode-se considerar todo homem a partir de dois pontos de vista opostos: de um, ele é o indivíduo que começa e termina temporalmente, transitório, passageiro, *skhias onar* [o sonho de uma sombra], pesadamente carregado de erros e dores; de outro, ele é a indestrutível essência originária, que se objetiva em todo existente e que pode dizer, enquanto tal, como a estátua de Ísis em Sais: eu sou tudo aquilo que foi, é e será [ἐγώ εἰμι πάν τὸ γεγονός καὶ ὄν καὶ ἐσόμενον]. Sem dúvida um tal ser poderia fazer algo melhor do que aparecer em um mundo como esse. Pois esse é o mundo da finitude, do sofrimento e da morte. O que está nele e o que dele provém deve acabar e morrer. Mas aquilo que não vem dele e não virá dele o atravessa com toda a potência, como um relâmpago que troveja para cima e não conhece nem tempo nem morte. - Unir todos esses opostos é propriamente o tema da filosofia. (SCHOPENHAUER, 2012, p.129-130).

Levando isto em consideração, o passageiro e aquilo que são as leis eternas da existência, o ser humano tende a buscar o conhecimento filosófico, logo é através da metafísica, e, conseqüentemente, da parte da *ética* (do agir humano na mundo) que este encontra toda a importância de seu existir. Em consonância com isso, Schopenhauer afirmou:

A liberdade e a responsabilidade ou imputabilidade morais pressupõem simplesmente a *aseidade*⁴⁰. As ações resultarão sempre e necessariamente do caráter, isto é, da natureza própria e imutável de um ser, sob a influência e de acordo com os motivos; [...] Tem de ser sua própria obra de acordo com sua *existentia* e *essentia* e o autor de si próprio, se ele for o verdadeiro autor de seus atos. (SCHOPENHAUER, 2003, p.112).

Nesse aspecto, dizemos ser a filosofia de Schopenhauer um sistema filosófico que decididamente rompe com a tradição clássica. Principalmente naquilo que se refere à metafísica. Se antes de Schopenhauer a metafísica, e portanto, a moralidade eram atribuídas fora do homem, e assim, com pressuposições criacionista; Schopenhauer introduz o conceito de *asseidade*⁴¹ para assegurar a inteira liberdade dos homens serem e fazerem de acordo com sua consciência, e também no seu mais cego ímpeto de acordo com sua *vontade*.

Muito embora que, não seja tão simples encontrar todos os motivos que fazem os homens fazerem o que fazem, bem como também não é tão simples presumir suas reações, que aparentemente se evidenciam, visto que: "[...] o coração humano tem profundidades, obscuridades e complicações que se terá sempre uma dificuldade extrema em esclarecer e analisar". (SCHOPENHAUER, 2001, p.420).

⁴⁰ Também se encontra a tradução como *asseidade*, como veremos adiante.

⁴¹ Trata-se de atributo divino *essencial e fundamental*, que consiste precisamente em derivar sua existência de si mesmo, ou, igualmente, em *existir a partir de si mesmo*, sem qualquernexo exigível ou necessário de causalidade e efetividade. De um ponto de vista teológico, isto é prerrogativa exclusiva de *Deus*, em razão do que é um de seus atributos insondáveis. Decorre disto que Schopenhauer, paralelamente, identifica esta *asseidade* como uma prerrogativa exclusiva da *Vontade* que, em si, é puro querer cego, deslocando ironicamente o sentido original da palavra para o contexto da sua metafísica. (Nota de Eduardo Fonseca, SCHOPENHAUER, 2014, p.570).

9. Considerações finais

Schopenhauer disse que: “Inicialmente a filosofia parece-nos um monstro de várias cabeças, cada uma das quais fala uma língua diferente”. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 105). Contudo, à medida que o trabalho foi avançando ele se justificou. O procedimento foi encontrar uma teoria que não só se afirmasse, mas, também, que não deixou faltar nada, ou seja, uma parte que não tivesse lugar dentro do todo.

O argumento escolhido possui a prerrogativa da filosofia dos gregos antigos, de não faltar com a verdade, afastando-se dos sofismas e de tudo o quanto possa negligenciar o conhecimento filosófico.

A questão da ‘*verdade*’ que já é um problema por si só, e da qual todos duvidam: Inclusive, Pôncio Pilatos perguntando a Jesus: “Que é a verdade? [...] Pôncio tinha a verdade bem diante dos olhos da cara, e não a reconheceu: *et lux lucet in tenebris et tenebrae non comprehenderunt eum.*” (SCHOPENHAUER, 1997, p.201). E, também, Goethe: “Não pense que estamos brincando!” [...] “Eu não escrevo para divertir, mas para ensinar algo a vocês.”. (GOETHE *Apud* SCHOPENHAUER. 2014, p.41-291). Sócrates afirmava algo semelhante ao falar sobre os ‘filósofos’ e os ‘sofistas’. Ou, seja, que uns o faziam pelo prazer de ensinar, e, outros, pelo dinheiro.

A máxima do “conheça a ti mesmo” não alude a um solilóquio, pelo contrário, “o resultado é moral, ou seja, que nós conhecemos no que fazemos aquilo que somos; e, por aquilo que sofremos, conhecemos aquilo que merecemos.” (SCHOPENHAUER, 2000, p.266).

O conceito de *metafísica* não nasceu conosco, é verdade, mas desde que iniciamos uma tradição filosófica que a pôs como existente e significativa, decididamente ela teima a aparecer, legitimando o conhecimento teórico da autêntica filosofia. Logo, a filosofia, ou, metafísica, é uma necessidade fundamental do *ser humano*.

É importante ressaltar que este trabalho de conclusão de curso teve como objeto contextualizar o que foi trabalhado durante o curso de filosofia e a relação com a filosofia de Schopenhauer que ocupa um lugar único e singular no conhecimento acadêmico científico do mundo inteiro. Um filósofo que desistiu da cátedra e escreveu por conta própria, contribuindo muito para a educação do gênero humano de uma forma alternativa. Além do mais, Schopenhauer ajudou a tirar a filosofia daqueles

emaranhados teóricos dizendo que “[...] é possível filosofar com grande seriedade sem ser nem incompreensível, nem tedioso [...]” SCHOPENHAUER, 2013, p.216).

Schopenhauer colocou no agir humano seu fundamento, e pôs suas bases na compaixão e no amor ao próximo. Ele colocou em teoria aquilo que Buda, Jesus e Sócrates fizeram na prática da vida. Desse modo, a afirmação antiga socrática "só sei que nada sei" é uma atitude sábia, pois, "*aquilo que se sabe* tem um duplo valor se admitirmos da mesma forma que não sabemos aquilo que *não se sabe*. SCHOPENHAUER, 2010, p.39).

Assim, dizemos que dentre todo o conteúdo inesgotável da filosofia, ao menos em alguma coisa podemos nos erguer para afirmar diante da existência, e é isso que a filosofia verdadeira vêm nos contar, algo um pouco mais duro, no entanto de modo nenhum enganoso, isto é: "a verdade está no profundo". (DEMOCRITO *apud* SCHOPENHAUER, 1997, p.201). Ou, ainda: "a verdade está no fundo do poço" (DEMOCRITO *apud* SCHOPENHAUER, 2013, p.66). O que nos serviria para ficar um longo tempo debatendo sobre o que essas frases querem dizer. Muito embora, todos saibam no fundo do seu coração o que isso significa.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. “Os pensadores”, 2000.
- CUPANI, Alberto. *Filosofia da ciência*. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *O conto da serpente verde*. Ed. Círculo dos leitores, Instituto Goethe, São Paulo: 1991.
- HUME, David. *Investigação sobre o Entendimento Humano*. 2.ed. São Paulo: Escala, v. 5. 2011.
- LAÊRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. – 2. Ed. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- KLINGER, Friedrich Maximilian. *Tempestade & Ímpeto*. Trad. Alexandre Krug. São Paulo: Livro Aberto, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer educador*. Tradução Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- PRÉ-SOCRÁTICOS. *Os pensadores. Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.
- QUINCEY, Thomas De. *Judas Iscariotes*. Trad. Célia Henriques e Vitor Silva Tavares. Edições Culturais do Subterrâneo, Lda. Lisboa: 2003.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução Jair Barboza 2 ed – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de envelhecer*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

SCHOPENHAUER, ARTHUR. *A arte de ser feliz: exposta em 50 máximas*. Organização e ensaio de Franco Volpi; tradução de Marion Fleischer (alemão) e Eduardo Brandão (italiano). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A necessidade metafísica*. Tradução de Arthur Versiani Velloso. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1960.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Fragmentos para a História da Filosofia*. Tradução Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e como Representação*. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II: complementos Vol I. Tradução Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II: complementos Vol II. Tradução Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação pt III; Crítica da filosofia kantiana; cap. V, VIII, XII, XIV, (Os Pensadores)* Traduções de Wolfgang Leo Mar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. - 2ª edição - São Paulo: Abril Cultural, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a ética*. Tradução Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia e seu método*. Tradução de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia Universitária*. Tradução, apresentação e notas Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola, Márcio Suzuki. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente: Uma dissertação filosófica*; Tradução Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. São Paulo: Editora da Unicamp, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a vontade na natureza*. Tradução, prefácio e notas de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SHELLEY, Percy Bysshe. *O triunfo da vida*. Tradução e ensaio Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 2001.

SHELLEY, Percy Bysshe. *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. Tradução Fabio Cyrino e Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2008.